

650. Além da linguagem religiosa, no estylo elevado os poetas e os oradores empregam o pron. da 2.^a pess. sing. e o respectivo possessivo (tu e teu), em suas interpellações ou apostrophes. Exs.:

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama,
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal que tanto te ama (Lus. 3. 1)

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia,
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'ó faz levar? Quem o entendia.
(C. Obs. 2. 46)

O' mar, o teu rugido é um echo incerto
Da creadora voz de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste.

E á noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sobre estrellas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céos brilhantes (G. D., Poes. 1. 296)

651. Desenvolvida na b. latinidade a idéa accessoria de deferencia ou dignidade no emprego dos pronomes da 1.^a e 2.^a pess. do plural (*nos, vós*), requintou em nossa lingua o espirito de cortezania, promovendo a criação de certo numero de pronomes ou expressões pronominaes de tractamento, taes são:

Vossa Mercê (V. M.), Vossa Senhoria (V. S.^a), Sua Senhoria (S. S.^a), Sua ou Vossa Excellencia (S. ou V. Exc.^a), Reverendo (Rev.), Sua ou Vossa Reverendissima (S. ou V. Revd.^{ma}), Sua ou Vossa Alteza (S. ou V. A.), Sua ou Vossa Majestade (S. ou V. M.), Sua ou Vossa Mercê (S. ou V. M.).

Vossa Mercê deu-nos, contrahido, *você* (V.), com mudança de sentido, pois *você* equivale a *tu*, no uso actual, e se refere a eguaes ou inferiores, indicando, ás vezes, no circulo domestico, carinho e confiança de filhos para com seus paes.

Da natureza e significação dos substantivos de taes expressões se deduz o processo da formação dellas.* Con-

siste o processo em abstrahir da pessoa uma qualidade característica, constituir desta um substantivo abstracto, precedê-lo do possessivo *seu* ou *vosso*, e dar-lhe valor de pronome da 3.^a pess., mesmo quando serve para se interpellar a 2.^a pess.: *V. Exc.^a queira sentar-se*. Quando se interpellia, é preferivel antepôr-se o possessivo *vossa*, noutros casos é de rigor *sua*: *Queira dizer a S. Exc.^a que aqui estamos ás suas ordens*. — *S. S. não respondeu a meu artigo, que quer elle agora?*

São, pois, todos esses pronomes da 3.^a pess. grammatical, embora, no caso de interpeção, sejam logicamente da 2.^a pess. e, por isso, quando sujeitos, levam o verbo e o possessivo que a elles se referem para a 3.^a pess.: *V. Exc.^a ou S. Exc.^a perdeu seu tempo* — *V. A. ou S. A. não se engana em suas previsões* — *V. S.^a ou S. S.^a queira servir-se por suas proprias mãos*.

Nota. A oscillação que em certos casos se nota entre o possessivo da 2.^a pess. (*vossa*) e o da 3.^a (*sua*) é devido á natural confusão que nesses casos se dá entre o aspecto logico e o aspecto grammatical do pronome, confusão, aliaz, que não lhe tira, em hypothese alguma, o seu caracter de 3.^a pess. para os effeitos da concordancia.

652. OUTROS PRONOMES. Além desses *pronomes de tractamento*, que acabamos de expor, de data relativamente recente, empregou sempre a lingua certos substantivos com o caracter de pronome indefinido, taes são: *fuão, fulano, beltrano, sicrano, homem, coisa* (arch. ren.), *um, outro, gente, uma pessoa*. Os quatro primeiros são empregados exclusivamente como pronomes, e os outros o são accidentalmente. Exs.:

Chegou aqui don *fuão*
e veo mui ben guisado — (Chrest. Arch. 198)

Ca vedes que ouço dizer
que mingua de sen fez dizer
a *om'* o que não quer dizer — (Ib. 222)

Homem que vai donde eu vou
Não se deve de correr (G. V., Obs., 3. 128).

E não põe *cousa* a guardar,
Que a tope quando a cata;
E por mais que *homem* se mata
De birra não quer fallar (G. V., Obs., 1. 166).

Pero sei eu dela, de pran
ca non m'enviou *ren dizer* — (Ib. 227).

Fuão, meio-burguez, meio-camponio,
Possuia em certa Aldêa
Um casal com Jardim, Vergel e Horta — (Fab. 115)

I-vos asinha (de pressa)...
Nunca *uma pessoa* tem
Hãa hora para fallar (C. Obs. 3).

O que lhe pôde fazer *a gente*? (R. da S., Od. 57) — *A' gente* que lhe importa que a roubassem ou não... E' que a *gente* estava no quintal (A. C., O Doente, 4, 5) — Cuida o *outro* que quando dá esmola, que dá para o perder (A. V., S. I. 221) — Não scjão como *hum*, que vendeo por seis mil reis huma amarra del Rey, que tinha custado setenta mil (A. de F., 326) — Lá chorou o *outro*, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa victoria (Ib. 329).

653. Frequentemente é o substantivo *coisa* empregado pronominalmente como *predicado*, p. ex.: *E' coisa admiravel que elle tenha feito isso*. Em Vieira encontramos um factó isolado em que, como em francez, apparece um pronome como sujeito grammatical reforçando o sujeito logico, porém, differentemente do francez, attrahido pelo predicado pronominal *coisa*:

Ella é coisa admiravel, que os conselheiros de Castella se conforme tanto com os nossos. (A. V., Obs. C. 192, 215).

Não raro no dialecto popular suprime-se *coisa*, e só apparece seu adjuncto attributivo no mesmo genero, em concordancia latente, p. ex.: *Esta é boa!* — *E' boa!* A's vezes a phrase torna-se ainda mais contracta com a ellipse do proprio verbo: *Ora, essa!* — *Homem, essa!*

Obs. I. *Homem*, em artigo empregado pronominalmente, era de uso frequente no port. arch. nas fórmãs — *ome*, donde o francez tirou o seu pronome indefinido, de largo uso, *on*. Em portuguez esse emprego pronominal do subst. *homem* foi-se restringindo, e é modernamente substituido por — *a gente, uma pessoa*, e, menos frequentemente, por — *o homem*. Nos *Adagios, Proverbios, Rifãos, e Anexins da Lingua Portugueza* por F. R. J. L. E. L. (1891), encontra-se o pron. *homem* com artigo e sem elle: "Anda o homem a trote, por ganhar capote", e "Deita-se homem pelo chão, por ganhar gabão".

Obs. II. *Coisa* é frequentemente usado hoje em acceção pronominal: não dizer coisa com coisa. No *Cancioneiro* apparece a miude *ren* ← *rem* = coisa: *Nunca eu depois vi prazer... d'outra ren.* Unido a *algo* deu-nos pron. indefin. arch. *algorren* (*algo rem*) = alguma coisa.

CAPITULO III

VERBO

654. THEORIA DO VERBO. O verbo (lat. *verbum* = *palavra*), palavra por excellencia, tem por funcção fundamental, na expressão do pensamento, indicar a actividade, o movimento ou a vida dos seres. E', pois, elemento característico do verbo exprimir a *acção*, porém a *acção* sob as relações de *tempo*, *modo*, *numero* e *pessoa*, indicadas pelas variedades de suas flexões.

O ser, de que o verbo enuncia a actividade, é o que se chama o seu *sujeito*.

O verbo, portanto, como o adjectivo, é uma palavra modificativa de um nome, com o qual se coordena. A modificação do adjectivo se diz *attributo* no dominio da syntaxe, e a do verbo *predicado*. Esta distincção entre o *attributo* e o *predicado* obedece á corrente grammatical moderna, que veio alterar os moldes dos grammaticos de Port-Royal. Já os antigos grammaticos, observa C. Ayer, se serviam da palavra *predicado* para indicar aquillo que se declara do sujeito, de accordo com a etymologia do termo (lat. *prædicatum* = *enunciado*), que significa *o que se diz* do sujeito, sendo este o seu verdadeiro sentido na analyse do pensamento.

A acção verbal, porém, contida no predicado e attribuida ao sujeito, é clara e formal nos verbos chamados *activos*, como acontece com os verbos *transitivos*, onde a acção manifesta passa do *sujeito* ou *agente* para um *objecto* ou *paciente*, p. ex.: *Elle partiu o pão*; e é ainda clara em alguns verbos intransitivos, embora a acção não passe do sujeito, que a practica, p. ex.: *O menino anda*, *a lebre corre* e *a agua voa*. Nos verbos chamados *neutros*, a acção que, segundo C. Ayer, A. Darmesteter e outros, caracteriza o verbo, está attenuada, e concebida como latente

ou inherente no sujeito, p. ex.: *O homem, nasce, vive, sofre e morre.*

DEFINIÇÃO. Em face da theoria exposta, podemos definir o verbo como: — *a palavra que exprime a acção attribuida ao sujeito sob as relações de tempo, modo, numero e pessoa.* Ou, com Darmesteter: — *a palavra que exprime por flexões diversas o modo de actividade que apresentam as pessoas ou coisas de que se falla.*

655. VERBO SUBSTANTIVO E ADJECTIVO. De accordo com esta theoria e definição, todo o verbo é essencial e primitivamente *adjectivo*, por isso que modifica um substantivo-sujeito de que é o predicado. Assim sendo, a proposição comporta uma divisão binaria em — *sujeito e predicado.*

Entretanto, o commum dos grammaticos, orientando-se ainda, sobre o ponto pela corrente escolastica da edade-média, divide o verbo em — *substantivo e adjectivo*, e os elementos da proposição em — *sujeito, verbo e attributo.*

Esta orientação que reinou incontrastada até nossos dias, recebeu origem e impulso systematico dos sabios grammaticos de *Port-Royal*, Arnold e Lancelot, em sua celebre *Grammaire générale et raisonnée*, publicada em 1660. Larga foi a influencia desses grammaticographos; a corrente especulativa, porém, no estudo geral da linguagem por elles despertada, era inteiramente extranha ao criterio historico, e levava muitas vezes a conclusões erroneas, na confusão natural da logica do pensamento com a logica da linguagem.

Para os grammaticos-philosophos dessa corrente especulativa o verbo *ser* era, em rigor, o unico verbo, o verbo primitivo, essencial a todas as linguas para a expressão do pensamento, o verbo abstracto, liame necessario ás idéas, que constituem o fundamento da proposição, o verbo que subsiste por si só, o *verbo substantivo*. A elle, diziam, vieram agglutinar-se, antepondo-se e apocopando-se, elementos adjectivos, que constituiram os outros verbos. Assim *movente + ser* deram *mover*; *amante + ser*, *amar*; *partinte + ser*, *partir*; *poente + ser*, *pôr*. Dest'arte se formaram os typos das conjugações e todos os mais verbos, que, por isso, são chamados *verbos adjectivos* ou *concretos*, por op-

posição ao verbo *substantivo* ou *abstracto*. Para taes grammaticos todo predicado grammatical se desdobra uniformemente em dois elementos: — a *afirmação*, contida na *desinencia*, e o *attributo* encerrado no *thema*; e toda a proposição possui tres termos logicos — *sujeito*, *verbo* e *attributo*.

Tal theoria, observa A. Darmesteter, é falsa deante do *desenvolvimento historico* das linguas, e da *analyse* dos factos.

a) Com effeito, a grammatica historica não revela em periodo nenhum da lingua tal combinação. Nos mais antigos documentos da lingua os verbos se apresentam em sua fórmula concreta. Os dois elementos logicos, contidos no verbo, que a abstracção separa, a *afirmação* (que, segundo a theoria de P. Royal, é característica do verbo e se contém na desinencia verbal) e o *attributo* (contido no *thema verbal*) sempre apparecem em sua fórmula *concreta*: a expressão funde os dois conceitos logicos, e separá-los grammaticalmente é confundir o dominio da philosophia com a esphera da lingua.

b) Corrobora ainda as considerações acima o facto de que o mesmo verbo *ser*, chamado abstracto ou substantivo, é, como os outros, verbo *concreto* ou *adjectivo*, e como tal apparece proeminentemente em latim, e em todas as épocas do portuguez. Exs.:

Et campos ubi Troja fuit (Verg.) = campo onde foi Troia (O. M.) — Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus (Cic.). — Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obs. 3. 50) — Era sobre a tarde (Souza) — Tomados sem o soccorro das artilharias, que ainda então não eram (A. C.) — Era por uma dessas noites vagarosas do inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e tremulo (A. H.) —

O' mar, o teu rugido é um echo incerto
Da creadora voz de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste. — (G. D.)

656. E' evidente que em todas estas phrases o verbo *esse* ou *ser* tem o valor attributivo de *existir* (*ser existente*, é — é *existente*), encerra em si latentemente o attributo de *existencia*: é, como os outros, um verbo *predicativo*, *attributivo* ou *adjectivo*. Sómente a sua predicção ou o seu at-

tributo é o mais geral de todos os seres, e, por isso, mais tenue e menos apreciavel que todos os outros.

Nas phrases *nominaes* (*o homem é mortal*), em que um nome como que absorve a idéa predicativa, mais se attenua a predicação do verbo *ser*, a ponto de se perder della a consciencia, assumindo, então, um character *abstracto* ou de mera *relação*. E', porém, este um phenomeno de evolução, que não destroe o character concreto primitivo do verbo *ser*:

c) Accresce ainda a circumstancia, fatal á theoria do verbo substantivo, de que o verbo *ser*, no sentir de Darmesteter, parece ter sido um dos ultimos productos da abstracção da linguagem, é desconhecido em muitas linguas, taes como nas linguas primitivas, e muitas outras na China, Africa, Polynesia e America, segundo C. Ayer.

d) Finalmente, as phrases verbaes (*o sol brilha*) não são equivalentes ás nominaes (*o sol é brilhante*), como deveriam ser, se aquellas fossem apenas a contracção desta, como quer a theoria de Port-Royal. De facto — *o sol brilha* não é a mesma coisa que — *o sol é brilhante*: ha naquella phrase uma acção verbal, que nao apparece nesta. E', pois, absurdo dar-se esta como a origem daquella.

A classificaçao, portanto, do verbo em *substantivo* e *adjectivo* tem sido modernamente abandonada deante da evolução historica das linguas e da analyse racional dos factos da linguagem. Com ella desaparece tambem a divisão ternaria dos membros essenciaes da oração — *sujeito, verbo* e *attributo*, para dar logar a divisão binaria — *sujeito* e *predicado*.

SER E ESTAR

657. EMPREGO DE SER E ESTAR. Teem predicação semelhante estes dois verbos, ambos reclamam a predicação de existencia; porém, *ser* é mais geral, amplo e indefinido em seu conceito predicativo; ao passo que *estar* é menos vago, mais especifico, e isto se torna evidente, quando, nas phrases nominaes, ambos ligam ao sujeito um predicado nominal, p. ex.: *o menino é doente* e *o menino está doente*. O predicado latente no verbo *é*, nessa phrase, é a existen-

cia em toda sua extensão, a existencia simples e indefinida; no verbo *está* é a existencia limitada, actual, especifica: dahi a differença do sentido das duas phrases.

Para os estrangeiros, cujas linguas não possuem o verbo *estar*, como o francez, o inglez e o allemão, é, em geral, difficultoso discriminar o valor de *ser* e de *estar* nas phrases nominaes; para nós, porém, salvo certos casos em que os dois verbos parece confundirem-se, a distincção é obvia.

O verbo *ser* exprime um *estado inherente*, permanente, indefinido, do sujeito, e o *estar* um *estado accidental* e transitorio, como se pôde ver nas seguintes phrases:

Ser	Estar
O homem é mortal	O homem está morto
O cão sempre foi fiel	O cão sempre esteve preso
O sol é brilhante	O sol está brilhante
A vida é cara	A vida está cara
A navegação é perigosa	A navegação está perigosa
Elle é sabio	Elle está agora sabio
Eu sou um desgraçado	Eu estou desgraçado

658. A's vezes, porém, a inherencia ou permanencia do predicado expressa pelo verbo *ser*, não se differença da actualidade ou transitoriedade expressa pelo verbo *estar*, ou o matiz de differença é tão apagado que mais se sente do que se explica, como se dá nas seguintes phrases: *O decreto é referendado pelo Presidente e o decreto está referendado pelo Presidente — A carta é escripta em francez e a carta está escripta em francez — Isso é claro e isso está claro.*

659. O VERBO *SER* NO VELHO PORTUGUEZ. A distincção que hoje nitidamente se faz entre *ser* e *estar* nas phrases nominaes, é o resultado do movimento analyticó da lingua, pois o v. port. fazia mais largo uso do verbo *ser*, do que o fazemos hoje, e onde hoje de ordinario apparece o verbo *estar* empregava *ser*. Exs.:

Quando Mordaret viu que a terra *era* em seu poder, logo pensou que faria de guisa (modo) que seu tio non ouvesse a tornar a ela (Chrest. Arch., 43) — ...a maior parte dos quaes não era presente (Dec. I. 400) — Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obs. 3. 50) — Ah! deixem-me enganar, que eu sou contente (C. Obs

2. 75) — Chamei-me Adamastor, e fui na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano (C.) — Depois da frota ser dentro (D. de Goes, ap. Serões, 379) — E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam não devem ser tristes (B. Ribeiro. *ib.*).

Obs. E' frequentissima a ellipse do verbo *ser* depois de certas *preposições, conjunções e verbos*: "Apesar de gordo, os seus movimentos não eram acanhados nem desairosos (R. da S., Mocid., l. 4, ap. E. D.) — "Depois de esposo, cuida que será o mesmo" (*Id.*, *ib.*) — "...a muitos navios meteo nas mãos dos piratas, não a carga por muita, mas por descompassada (A. V., ap. E. D.) — "...nom foy tam notado de bebedo (H. C., I. 530), ap. *ib.*) — O Governador depois de o louvar de curioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardas (J. F., ap. *ib.*) — Lisboa não dá mostra de quebrantada (A. C. ap. *ib.*) — As raposas são muito astutas, e se não se tomam em quanto pequeninas, depois de grande não se podem tomar (A. V., ap. *ib.*) — O ar, posto que frio, estava manso e diaphano (A. H., Eur. 250) — "...aviam mister publicamente castigados (H. P. I. 343) — "Presumiveis de entendidos" (Ceita, 86 v., ap. E. D.).

660. Não só pelo *estar*, senão pelo *haver* no sentido de existir, a v. lingua emprega frequentemente o verbo *ser*:

Um rei, por nome Affonso, foi (houve) na Hespanha (Lus. 3. 23) — Depois d'el-rei D. Affonso ser vindo de França (G. de Rez., ap. Serões 379)

Antes que fosse Lisboa,
Nem houvesse aqui cidade,
Ião todos a Trindade (G. V. Obs. 2. 306).

661. O uso do verbo *ser* pelo *estar* e *haver* apparece hoje no estylo elevado, como elegancia de linguagem:

A fé que, no meio do ruido, quasi me esqueceu que creis aqui (A. H., L. e N. I. 75) — Já de Ceuta o Camões era volvido á patria em 1550 (L. C., Cam., 131) ...ratificando-lhes a promessa de muito cedo ser com elles por qualquer via (A. V., C. 45) — Amanhã pois tu e teus filhos sereis commigo (A. P., I Reis. 28. 19).

TER E HAVER

662. OS VERBOS *TER* E *HAVER*, empregados como *auxiliares*, não eram como taes empregados na v. ling. Até o sec. XVI guardaram elles o valor que tinham originalmente em latim de verbos *concretos*, isto é, conservavam o seu conteudo significativo. Sómente depois do sec. XVI é que se foram esvasiando de sentido, e se foram tornando meros verbos de relação ou *abstractos*, quando seguidos de parti-

cipio passado e infinitivo preposicional (tenho estudado, tenho de estudar). Deste modo foram-se, pouco a pouco, entrando na categoria de verbos *auxiliares*.

Quando, porém, esses dois verbos não se acham em conjunção com o particípio do passado ou com o infinitivo regidos da prep. *de*, nas expressões periphrasticas de tempos verbaes, conservam o valor predicativo original, como em — *tenho livros, ha homens*.

Na perda paulatina de seu conteúdo significativo, como dissémos, taes verbos se tornaram simples auxiliares na formação de tempos compostos, alheios ao latim, servindo apenas para indicar relações de — *tempo, modo, numero e pessoa*.

Com a obliteração do seu valor significativo, immobilizou-se o particípio passado, que antes desse phenomeno concordava em genero e numero com o objecto no caso de verbos transitivos. Assim, a phrase — *tenho escriptas as cartas, havia comprados os livros*, evoluiu em — *tenho escripto as cartas, havia comprado os livros*.

Nesta evolução da phrase houve desenvolvimento analytico, e a lingua guarda as duas fórmãs, a antiga e a moderna, com sentido diferenciado; pois é evidente a differença que fazemos hoje entre *tenho escriptas as cartas* e *tenho escripto as cartas, haviam os livros comprados* e *havam comprado os livros*. Tal distincção, é pois, o resultado do progresso analytico da lingua.

Até aos quinhentistas, porém, o v. port., como o latim, não podia expressar com esses verbos senão o sentido do primeiro typo (*tenho escriptas as cartas*). Exs.:

Mui maa cousa avedes feita (C. Arch. 94) — E esta partida dizem que foi por mandado d'el rei de Castella, que tinha cercada Almeida (F. Lopes, C. de D. Fern. 50) — E assi tem mortas muytas donzelas sem alguma piedade, dizendo que com ellas aplacam as almas dos pays (T. Red. 144) — Dizendo mil magoas ao longo das concavidades, que o mar tinha feitas (Palm. I. 15) —

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas ;
Provai, Senhora, em mi vossas cruexas,
Que aqui tendes uma alma offerecida (C., Ohrs. 2. 21)

E se inda não ficarem deste feito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente (Lus., 1. 81)

Obs. Phenomeno identico deu-se nas outras linguas romanicas, tendo o francez apenas conservado a concordancia generica e numerica do participio com o *objecto* no caso de preceder este ao verbo, p. ex. : *La lettre que j'ai écrite* (Cf. *Soubre a vida que me tinha destinada*, C., Ohrs. 2. 28).

663. Não obstante a obliteração de sentido e o consequente valor identico dos dois auxiliares, a lingua faz ho-diernamente nitida discriminação entre *ter* e *haver* nas locuções infinitivas preposicionaes, v. gr., entre — *ter de partir* e *haver de partir*. Nestas fórmulas periphrasticas, chamadas de *linguagem projectada*, não ha mera expressão de futuridade, mas á idéa de futuro aggrega-se, com o verbo *ter*, a idéa de *dever* ou *obrigação*, e com o verbo *haver* a de *promessa* ou *resolução*: a futuridade indicada pelo primeiro é *obrigatoria* e a indicada pelo segundo *promissiva*: *tenho de partir* e *hei de partir*, *eu tinha de partir*, e *eu havia de partir*, *eu tive de partir* e *eu houve de partir*, etc.

A distincção continúa na 2.^a e 3.^a pess., porém attenuada, porque nessas pessoas um é o que falla e outro é o *agente*, que executa a obrigação ou promessa, o que não acontece com a 1.^a pess., na qual coincidem o que falla e o agente.

Tal phenomeno de nossa lingua traz frisante analogia com o que se dá em inglez em relação aos auxiliares *shall* e *will*, que formam o futuro do verbo: *I shall go*, *I will go*, *he shall go*, *he will go*.

664. Modernamente o verbo, *ter*, como auxiliar, é de mais largo emprego que o verbo *haver*; o contrario dava-se na v. ling. Até o sec. XV o verbo *haver* apparece quasi exclusivamente nas expressões verbaes, de que vimos tractando, e apparece não só seguido da prep. *de*, mas (o que é hoje archaico) da prep. *a*. Exs.:

Deseg'eu (desejo eu) mui' a veer mia Senhor, e pero sei que pois ant'ela for non lh'ei a dizer ren (não lhe hei de dizer nada) (Chrest. Arch., 219) — Cuidando em vos, ouve a morrer assi (houve a = tive de) — cuidando em vós, senhor, guarreci (sarei) (Ib. 225) —

Noutro dia, quando m'eu espedi
de mia senhor, e quando mi ouve a ir (ouve a = tive de)
e me non falou, nem me quis oir
tan sen ventura foi (fui) que non morri (Ib. 226).

E se vós sois das gemenhas,
E houverdes d'atentat

Se quer, Senhor, tanger bem,
Hade haver mister terceiros (C., Obs. 3. 140)

665. *HAVER E TER* COMO IMPESSOAES. Desde os primeiros documentos da lingua, o verbo *haver* apresenta-se com caracter impessoal como succedaneo de *esse* (*ser*) no sentido de *existir*:

Sunt homines = ha homens — Est genus quoddam hominum (Nep.)
= ha uma certa classe de homens — Homo nequissimus omnium qui
sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt (Cic.) = o homem mais perverso de
quantos ha, houve e haverá.

Do sec. XVI para cá, vem o verbo *ter* ganhando terreno sobre *haver*, não só na formação dos tempos periphrasticos, mas até no emprego predicativo ou concreto do dicto verbo.

O verbo *ter* é actualmente mais popular e o *haver* mais literario, como se vê logo na feição das seguintes phrases: *tenho trabalhado e hei trabalhado, terei feito e haverei feito, tenho por certo e hei por bem*. Raramente, no Brasil, em linguagem familiar, deixar-se-á de substituir o verbo *haver* pelo *ter* nas expressões impessoaes de existencia, p. ex.:

Teve muita gente na festa, tinha muitas creanças no jardim, tem gente ahi. —

Lá detraz daquelle serro
Tem um pé de lirio só,
Faço carinhos a todas,
Mas quero buscar a ti só.

Quanto a este uso do verbo *ter* pelo *haver*, ainda reagem os grammaticos, catalogando-o de *barbarismo*, e os que bem fallam procuram evitá-lo. Isto, porém, não impede que continue elle dominante no fallar do povo. A *Arte de Furtar*, geralmente attribuida ao P.^e A. Vieira, já accusa essa tendencia do verbo *ter* no sec. XVII: *A um Mester*

Je Lisboa ouvi dizer que bastava numa Camara tres vereadores e que TINHA sete.

666. A mesma tendencia a se substituir o *haber* pelo *ter* nessas expressões impessoaes, é manifesta, no indo-portuguez do Norte, conforme prova J. Moreira com os seguintes exemplos:

Tem um hom' que tanto se ell corrê, su barrig nunc ha carregá ou enchê (=a mó do moinho) — Tem um hom', que por ell noite e di nu tem sucego (=um relógio) — Tem um hom', por ell tem set ovid (= uma candeia ou candieiro de bronze).

VOZES DO VERBO

667. A acção expressa pelo *verbo* é normalmente attribuida na phrase a um *sujeito*, que póde, em relação a ella, assumir trez attitudes: a de *agente*, a de *paciente* (*recipiente*) e a de *agente e paciente* ao mesmo tempo. Essa triplíce relação do *sujeito* para com o seu *predicado* dá origem ao que se chama em grammatica *vozes do verbo*, que são fundamentalmente trez:

1.^a VOZ ACTIVA, quando o *sujeito* é *agente* da acção verbal: *Carlos ama os livros.*

2.^a VOZ PASSIVA, quando o *sujeito* é *paciente* ou *recipiente* da acção verbal: *Os livros são amados por Carlos.*

3.^a VOZ REFLEXIVA, MÉDIA OU MÉDIO-PASSIVA, quando o *sujeito* é *agente* e simultaneamente *paciente* da acção verbal: *Carlos ama-se.*

Voz activa

668. A VOZ ACTIVA caracteriza-se pela agencia do *sujeito*, agencia claramente perceptivel nos verbos chamados *activos* (*amar, andar, ferir*), e obscuramente apprehendida nos chamados *neutros* (*viver, estar, ficar*).

Os verbos na *voz activa* se revestem de trez fórmās — *transitiva directa, transitiva indirecta e intransitiva.*

669. VERBOS TRANSITIVOS DIRECTOS. O verbo transitivo directo ou simplesmente *transitivo* reclama um *objecto directo*, subs. ou pron., em que se emprega a acção verbal. E', pois, um verbo de *predicação incompleta*.

Nesta fórma a acção expressa pelo verbo revela-se em sua plenitude: ella parte de um *sujeito-agente* para um *objecto-paciente*. Este *objecto* paciente da acção verbal, que em latim se revela pelo *accusativo* sem preposição, em portuguez revela-se pela sua posição immediata ao verbo, a que se prende directamente, sem particulas prepositivas (preposições), p. ex.: *O pae ama o filho e o filho ama o pae*.

Na baixa latinidade, entretanto, como já mostrámos, apparece, ás vezes, o *accusativo* (*objecto directo*) reforçado pela preposição *ad* (\rightsquigarrow → a), mormente quando o accusativo é nome de pessoa.

Este costume generalizou-se, e o verbo *transitivo directo* em portuguez admite hoje que o seu *objecto* appareça regido da prep. *a*, e, ás vezes, da prep. *de*. Os casos em que a lingua permite *objectos directos preposicionaes* com verbos transitivos, podem reduzir-se aos seguintes, como, alias, já estudamos tractando do complemento objectivo:

1.º O *objecto-directo* vem regido da prep. *a*, quando nome de *pessoa*, de *seres vivos* e de *paizes* ou *ciudades*, e isto é de rigor quando possa haver confusão entre o *agente* e o *paciente*: *Achilles a Heitor matou*. — Exs:

Tras elle (el-rei) armou (cavalleiro) Graciano seu neto ; a Beroldo principe da Espanha ; Onistaldo, e Dramante seus irmãos ; a Estrelante, filho do principe Ditreo (Palm. 1. 67) — O propheta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse lá a Babylonia, se escusou dizendo que nunca vira a Babylonia (Id., S. 2. 238) — Teve Grecia Themistocles famosos : os Scipiões a Roma engrandeceram (C., Obs. 2. 15).

2.º Dá-se ainda a regencia da prep. *a*, quando, apesar de ser o *objecto* nome de coisa, a significação do verbo emprega-se habitualmente em nome de pessoa, p. ex.:

A noite vence ao dia, o verbo rege ao substantivo — O sol excedia a tudo quanto havia no ceo (A. V., S. 2. 301).

3.º O mesmo se realiza quando se póde desconhecer de

momento o objecto e confundi-lo com o sujeito: — ao tronco fere o raio, ao dia segue a noite.

Obs. Póde-se dispensar a preposição, quando o sentido obvio mostra o paciente da acção verbal, como no passo dos *Lusiadas* — *Quando o mar cortava a armada*, onde manifestamente se vê que o *mar* apesar de occupar o lugar do sujeito é evidentemente o *paciente* ou *objecto*. Já em A. Ferreira, no poema *Castro*, pag. 11, não se justifica tão bem a ausencia da preposição: — *Vence a dor a razão, vence amor força?* (A. Ferreira, *Cast.*).

4.º Póde o objecto ser regido da prêpos. *de* em sentido partitivo: *beber desta agua, comer do pão*, etc.

670. O verbo *poder* tem de ordinario por accusativo um infinito, com o qual fórma uma conjugação periphrastica, a que os inglezes chamam *modo potencial*: *posso fazer, podes fazer, podia fazer*, etc. Além disso tem este verbo a singularidade de reger *objecto neutro*, isto é, pronome neutro:

Ainda que eu queira não posso o que quero (C., *Obrs.* 3. 235) — O que já pude, posso-o ainda hoje (A. C.)

Entretanto, como observa Andres Bello, tal verbo não se presta á inversão passiva, como acontece aos verbos que regem *accusativo*, por falta de part. passivo (*podido*). No lat. encontra o citado auctor em Lucrecio o verbo *posse* (b. lat. *potere* \rightsquigarrow *poder*) com inflexão passiva: *Quod tæmeor expleri nulla ratione potestur*.

671. Os verbos — *fazer, deixar, ver* e *ouvir*, seguidos do infinitivo, podem ter, como vimos, em *accus.* ou *dat.* o sujeito desse infinitivo — *fazê-los ver* ou *fazer-lhe ver*. Sobre esse phenomeno curioso da regencia de — *fazer, deixar, ver* e *ouvir*, nas linguas romanicas, escreve Diez: “Todas essas phrases conteem dois verbos com duas pessoas activas, das quaes uma (na qualidade de sujeito) *faz, deixa, vê* e *ouve*, e a outra age em relação ao querer ou á sensação da primeira. Se esta sensação cessa de operar sobre o infinito, a segunda pessoa é posta em accusativo, com um regimen neutro. (Gr. des L. R. III 123)”. Em outros termos, quando o infinitivo é um verbo neutro ou de sentido passivo não permite a lingua que se passe esse *accusativo*.

sujeito, para *dativo*, p. ex.: *vi-o morrer* e não *vi-lhe morrer*, *fi-lo ligar* (*ser ligado*) e não — *fiç-lhe ligar*, *vejo-o cabir* e não — *vejo-lhe cabir*. O *dativo* parece neste caso ter um caracter de actividade extranho ao *accusativo*. Tal processo nos veio da baixa latinidade, onde já se encontra o *dativo* sujeito do infinito:

Haec comitibus scire faciant (Ib.) —

Que m'ela ten, pero que al
ouço eu a muitos dizer
que *lhes* faz gran coisa sofrer
Amor. onde *lhes* ven gran ma! (C. Arch. 230).

Peró... sendo entre estas ilhas *lhe* deo um tempo, que *lhe* fez perder o navio (Dec. I. 386) — E quem *lhe* fazia ter maior cuidado (Ib. 423) — A enveja *os* fazia desejar a partida mais prestes (Palm. I. 179) — Fez-lhes jurar sobre los santos evangelhos que o levassem a Roma (C. Arch. 42).

Obs. Entre nós a ignorancia destes factos, leva muitos a pôr o sujeito do infinito não em *accusativo*, como é de regra, ou em *dativo*, mas em nominativo. Ainda ha pouco bradou um dos nossos representantes na Camara Federal: *Deixe elle vir! deixe elle vir!* — Este erro frequente vem por analogia com muitos outros verbos, que regem infinitivos, cujos sujeitos, contrariamente ao latim, vão para nominativo, p. ex.: *creio estar doente* (estar elle doente), *affirmo terem elles estado aqui*, *duvido podermos nós conseguir isso*. — *Chamar* admite egualmente *accus.* e *dat.* no sentido de appellidar — *chama-lo* ou *chamar-lhe justo*.

672. VERBOS TRANSITIVOS-INDIRECTOS. A acção verbal emanada do sujeito apresenta, em uma outra classe de verbo de *predicação incompleta*, um aspecto differente da dos verbos transitivos-directos: ella se dirige a um termo de relação, que ao verbo se prende indirectamente, isto é, por meio de preposição adequada; este termo é o seu *objecto-indirecto* ou *complemento terminativo*, e o verbo se diz *relativo* ou *transitivo indirecto*, v. gr.: *depende de alguem*, *sabir de casa*, *entrar na sala*, *gostar de estudar*, etc. — Quatro aspectos fundamentaes assume o *objecto-indirecto*, já estudados: *attribuição*, *direcção*, *origem*, *relação*. (427).

673. Muitos verbos desta classe incluem-se ao mesmo tempo na classe dos *transitivos*, e são verbos de *predicação* duplamente incompleta, reclamam ao mesmo tempo um

objecto *directo* e outro *indirecto*, aos quaes alguns grammaticos chamam *bitransitivos*, taes os verbos — *dar, negar, dizer, retribuir, dever, conceder, prometter, attribuir, escrever, offerecer, levar, conferir*, e muitos outros, que vem, na phrase, quasi sempre acompanhados do *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa (*alguma coisa a alguem, aliquod alicui*): *dar esmola ao pobre* (= *elemosynam pauperi dare*), *tributar honra a alguem* (= *alicui honorem habere*).

Podem, entretanto, ambos os casos ser de *peessoas* ou de *coisas*: *egualar alguem a outrem*, ou *uma coisa a outra* — *rem rei æquare*.

674. Muitos verbos assumem accidentalmente a fórma relativa, fazendo-se acompanhar de um *dativo*, que substitue um *possessivo*:

Sou-lhe filho (sou seu filho), sahiu-lhe peor a emenda que o soneto cahiu-lhe em graça, matou-me a esperanza, morreu-lhe a alegria.

675. VERBOS INTRANSITIVOS. Nesta classe de verbos a acção verbal não passa do sujeito, são verbos de *predicacão completa*, visto que o espirito nada exige para cabal intelligencia de seu enunciado, p. ex.:

A arvore cresce, a semente germina, brotam as plantas, vive o homem, progride a humanidade, dorme a creança, resuscitam os mortos.

676. VERBOS TRANSITIVOS EMPREGADOS INTRANSITIVAMENTE. E' phenomeno frequente empregarem-se verbos activos transitivos em sentido absoluto ou intransitivo, p. ex.:

Foi poeta, cantou e amou na vida — Elle estudou em Coímbra.

677. VERBOS INTRANSITIVOS EMPREGADOS TRANSITIVAMENTE. Não menos frequente é o phenomeno inverso de empregar a lingua o verbo de sua natureza *intransitivo* como *transitivo*, dando-se-lhe um *accusativo*.

Dá-se a passagem do *intransitivo* para *transitivo* nos seguintes casos:

1.º E' commum em lat., como nas linguas neo-latinas, dar-se a certos verbos um *accusativo* pleonastico de sub-

stantivo cognato ou synonymo do cognato modificado por um adjuncto attributivo, v. gr.:

Viver larga vida ou largos annos, morrer morte tranquilla, guerrear duras guerras, pelejar asperas batalhas, sonhar aureos sonhos, cavalgar fogoso ginete, ferir fundos golpes, contar um conto e accrescentar um ponto, pescar grandes peixes, brincar maus brinquedos, vestir alvo vestido.—Crem tanto de verdade que morrerão mil mortes por cada uma dellas (Peregr. I. 362) — A's vezes o pleonasma é auctorizado por um contraste: Podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar (A. V.).

2.º Não raro a lingua elegantemente torna um verbo *intransitivo* em *transitivo*, dando-lhe por objecto *ficticio* o termo que é logicamente uma circumstancia modificadora da acção verbal:

Ir seu caminho (por seu caminho), respirar ameaças, ameaçar mortes, arrotar grandezas, andar longes terras, lidar cruas guerras, dormir duas horas, subir escadas, descer ladeiras, passar pontes, frio e fome, correr a cidade, gritar o cão (pelo cão), navegar mares procellosos, saltar muros, entrar o porto, bradar armas, roncar bravuras, clamar soccorro — No tempo em que os infleis entrará este reyno (Palm., I. 233) — Eu repetirei as suas vozes, elle bradará os meus silencias (A. V., Obs. S. II. 86) — E até vossa mulher brilha diamantes, rubis, e perolas sobre estrados borliados? (A. de F., 285).

3.º Outros verbos intransitivos, tornaram-se *transitivos factitivos* ou *causativos*, quando podem ser paraphraseados com os verbos *fazer* ou *tornar*:

Seccar a roupa = fazer seccar a roupa, entrar estacas no chão = fazer entrar estacas no chão, correr alguém a caça = fazer alguém correr a caça, crescer alguém o ordenado = fazer alguém crescer o ordenado, calar razões = fazer calar razões, enxugar as mãos = tornar as mãos enxutas.

4.º Os verbos *custar*, *valer* e *pesar* tornam-se transitivos quando se lhes dá por objecto directo o *custo*, o *valor* e o *peso*: isto *custa* dois mil réis e *vale* dez, o *fardo* *pesa* duas arrobas. Taes accusativos (o *custo*, o *valor* e o *peso*) não são propriamente *pacientes*, mas antes tem valor adverbial.

Voz passiva

678. A VOZ PASSIVA caracteriza-se pelo facto de ser o *sujeito paciente* da acção verbal. O agente della é expresso por complemento regido da preposição *por* ou *de*:

O soldado, que era de todos admirado pela sua bravura, foi morto pelo inimigo.

Não temos em nossa lingua fórma especial ou simples para se exprimir este factó syntactico, sendo nós, por isso, forçados a lançar mão de fórmas complexas ou periphrasticas, como — *ser elle amado*.

O grego possuia fórma organica ou synthetica para exprimir a passividade do sujeito, p. ex.: *phileô* = *eu amo*, *phileomai* = *eu sou amado*. O latim possuia igualmente fórmas simples ou syntheticas passivas, porém só nos tempos derivados do *thema do presente* (pres., imperf. e fut. imperf.): *amo* = *eu amo*, *amor* = *sou amado*, *amabar* = *eu era amado*, *amabor*, etc.

679. Em sua marcha evolutiva do *synthetismo* para o *phileomai* = *eu sou amado*. O latim possuia igualmente primeiro grupo, e generalizou, para todos os tempos da conjugação passiva, as fórmas periphrasticas do segundo.

680. PROCESSOS APASSIVANTES DO PORTUGUEZ. Varios são os processos que se desenvolveram no portuguez para expressar a voz passiva dos verbos:

I. Possue o portuguez, em primeiro logar, o processo com o verbo *ser* e o *participio passado* variavel de verbos activos transitivos, processo que lhe veio pela generalização analogica dos tempos da 2.^a série ou grupo: *ser amado*, *ser conhecido*.

II. O pronome reflexivo, com o nome de *particula apassivadora*, indica, em certos casos, a passividade do sujeito, e fórma, independentemente do verbo *er*, a *voz passiva*, v. gr. — *cortam-se arvores*.

a) Esta propriedade decorre de seu mesmo caracter reflexo. E' função essencial do pronome *se* (e eventualmente de *me*, *te*, *nos*, *vos*) recambiar a acção verbal para o sujeito do verbo a que se juncta, (*Catão matou-se*). Quando, porém, esta acção recambiada só pôde ser recebida pelo sujeito e não practicada, por incapacidade inherente nelle ou eventual, a voz torna-se por isso mesmo passiva. Assim em as *arvores cortam-se*, a acção de cortar é recambiada.

para o sujeito *arvores*, que, sendo incapaz de ser *agente* da acção, fica mero *paciente*: *as arvores cortam-se*, ou, mais comummente, *cortam-se as arvores* vem a equivaler a — *as arvores são cortadas*. Nota-se, é certo, no typo *cortam-se as arvores* um quê de *dynamico*, que parece destoar do character passivo do sujeito, o que, aliaz, não se nota em *as arvores são cortadas*, e, mesmo, em — *as arvores cortam-se*. Este phenomeno, porém, devemos attribui-lo á função primitiva do pronome *se*, que é indicar uma *acção reflexa*, acção que se apresenta de prompto ao espirito e que só se desvanece quando o sujeito posteriormente enunciado se manifesta incapaz de a exercer. Esta é, por certo, a razão pela qual esse movimento *dynamico* proprio da voz activa, não se apresenta quando se antepõe o sujeito ao predicado: *as arvores cortam-se, as raizes pisam-se* (D. de Goes), *o amor vende-se?* (A. C.).

b) Este quê *dynamico*, contrastando com o cracter *estatico* da passiva, é o que tem levado muitos a negar passividade ás proposições — *cortam-se arvores, alugam-se quartos*, etc., impellido-os a dar o *se* como sujeito e o plural do predicado como um effeito da attracção do objecto directo (*arvores, quartos*, etc.). Já impugnamos esta theoria, e aqui consignamos a causa que tem lançado a perturbação no espirito dos que sustentam a subjectividade do *se*.

c) Invocam ainda os adeptos desta impugnada theoria o facto de apparecer esporadicamente, em escriptores classicos, o verbo no singular com o *sujeito* no plural, como no seguinte passo do Palmeirim de Inglaterra (I. 203): “e sospeitando que aquelle dia podia ser Diliarte do valle escuro, duvidava pollo ver tam mancebo, que de tã poucos dias não *se esperava* tamanhas obras”.

Appellam ainda para os cartazes de annuncios, onde frequentemente se lê: *Compra-se livros velhos, tingem-se roupas, concerta-se relogios, ferra-se cavallos*. E tiram destes factos argumentos para affirmar que nestas phrases o *se* é sujeito, equivalente ao *on* francez, e a voz é activa. A conclusão, entretanto, não se contém nas premissas. O character esporadico desses exemplos classicos e a categoria dos annunciantes os tornam mais que suspei-